



HEMEROTECA DIGITAL

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE



©Biblioteca da FARN

1986



Prédio onde funcionou a Escola Doméstica, de 1914 a 1952 - Ribeira.

HEMEROTECA DIGITAL DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

Visando a manutenção da memória e a preservação de fontes de informação institucional, a Biblioteca da FARN lança a *HEMEROTECA DIGITAL DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE*, em comemoração ao centenário desta instituição que por tradição tem seu nome registrado na memória do povo norte-riograndense.

Esta iniciativa teve como marco inicial o ano de 2010, cujas atividades ficaram sob a responsabilidade das bibliotecárias da FARN, Maria Luzia Alexandre de Oliveira e Marciele Oliveira de Souza, que através dos processos de seleção, organização e disseminação, tão bem souberam representar fatos e momentos memoráveis da história centenária desta entidade educacional.

Inicialmente, lançamos 100 registros que contemplam textos e fotos publicados em jornais locais, cuja temática reporta à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte (Complexo de Ensino Noilde Ramalho – Escola Doméstica de Natal, Colégio Henrique Castriciano e a Faculdade Natalense para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte), além de notícias da eterna Diretora e Chanceler Prof^a Noilde Ramalho e do Diretor-Geral da FARN, Prof^o Daladier Pessoa Cunha Lima.

Através desta ação inicial, estaremos ampliando o acervo arquivístico, para que cada vez mais possamos divulgar o registro da história da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Natal, novembro de 2011.

M^a de Lourdes Teixeira

Coord. Biblioteca FARN

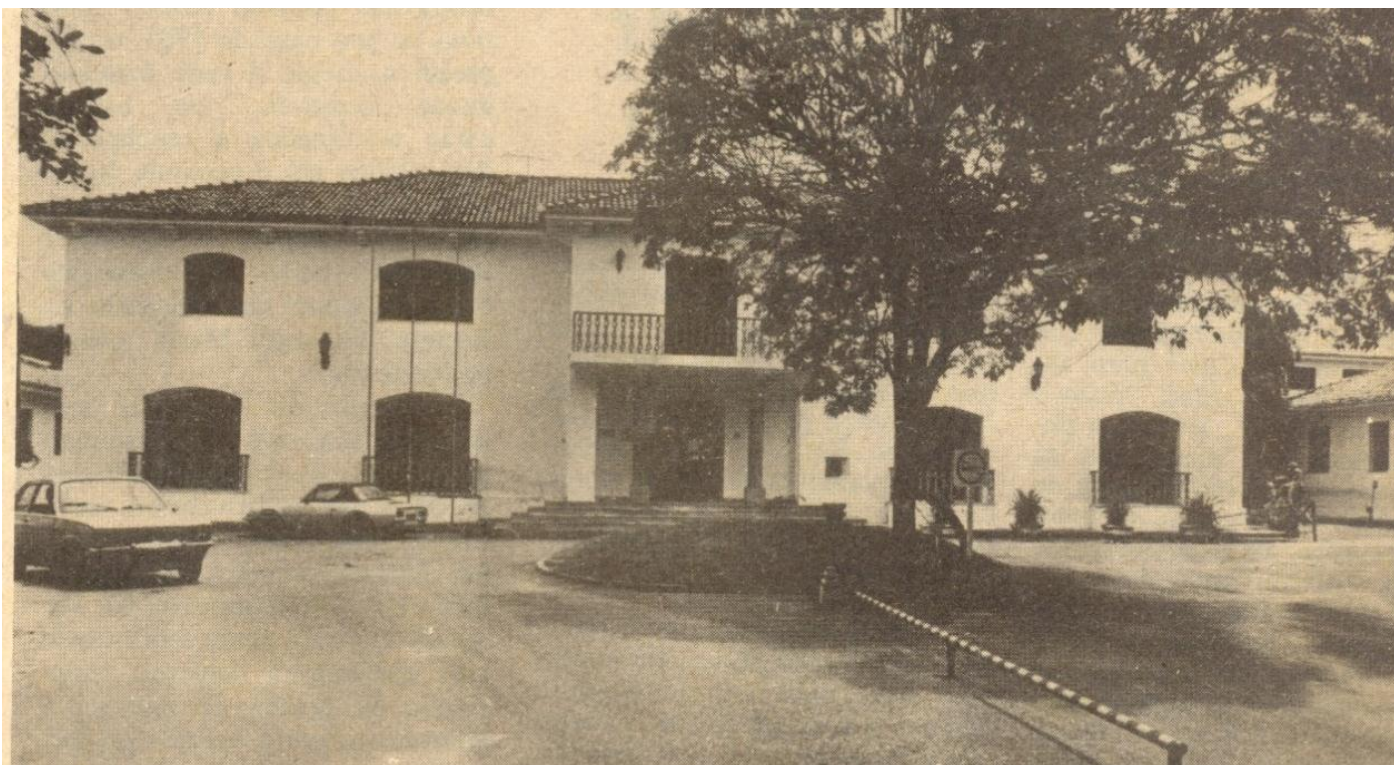
MODO DE ACESSO: Ao se clicar no ano desejado o usuário terá acesso de imediato aos textos e imagens em PDF.

ETIQUETA e Decoração perdem ponto mas ainda estão na ED. *Diário de Natal*, Natal, 19 fev. 1986.

Classificação

37 E86

Etiqueta e Decoração perdem ponto mas ainda estão na ED



Dona Noilde: fora com os excessos

“A Escola nunca ensinou a mulher a ser bonequinha de salão. Acontece que a Escola foi uma revolução no seu tempo, representava uma filosofia muito ampla. A Escola é de origem suíça e na Suíça a mulher trabalhava”. A declaração é da diretora da Escola Doméstica, Noilde Ramalho, 41 anos no cargo e 50 na Escola, onde ingressou em 1936 como aluna.

Única no gênero no país, a Escola Doméstica mantém a tradição do ensino para moças desde 1914, embora a maioria dos colégios internos no Brasil, como o Sion, no Rio de Janeiro, tenham optado pela educação formal de 4 horas.

“Os exageros foram abolidos, admite Dona Noilde, para quem a etiqueta ainda é uma necessidade. “A moça precisa saber se sentar, se vestir, sentar-se a mesa, receber uma visita, manter uma conversação. Ser natural”. E ela acha que isto se consegue mais fácil agora, porque antigamente as famílias exigiam demais e as alunas ficavam pouco a vontade. Hoje, elas agem mais naturalmente. Além disso, pondera, “a juventude de hoje é muito menos trabalhosa”.

Ela acha que a Escola Doméstica mantém-se quase a mesma nestes 72 anos porque as pessoas que estão à sua frente preservam os seus objetivos, os seus ideais. Mas faz questão de desmistificar

a impressão de que a Escola forma a moça apenas para o lar. “Pelo contrário, nós nos preocupamos em que ela seja uma mulher atuante. Elastecemos o currículo para que ela possa preparar-se para uma profissão lá fora. Queremos que ela se prepare como dona-de-casa, como mãe. Todas as nossas alunas são excelentes profissionais. Elas dão o melhor de si mesmas”.

“O que nós combatemos é a sofisticação, os excessos.

meio, nunca fui muito mimada”. moça, porém, deve ser precisa na maneira de servir os convidados, sentar, receber, no andar, nas boas maneiras. Muitas vezes no refeitório, nós encontramos moças com os cotovelos na mesa, amparando a cabeça com as mãos. Explicamos a elas que devem sentar-se bem, manter as costas retas até por uma questão de saúde. Elas compreendem e, corrigindo aos poucos, vão corrigindo sua postura.

Para Dona Noilde, “a juventude mudou para melhor” e “a vida hoje é mais agradável”. Só o interesse dos rapazes, ela acha diferente. “Os rapazes não procuram mais, conta ela, lembrando que “antigamente, quando eu saía com as moças, eles iam atrás. Quando íamos à igreja, eles se escondiam atrás das pilastras, para eu não ver, porque às vezes aquilo implicava em suspender uma folga das alunas. Eles faziam serenata para elas. Hoje, não. Nem vão atrás quando saímos, nem fazem serenata”.

TUDO DE NOVO

Cinquenta anos de Escola Doméstica não arrefeceram o entusiasmo de Dona Noilde, porque ela não hesita em dizer que se pudesse começaria tudo outra

vez, principalmente como professora, pois foi a sua melhor fase. “Eu me identificava muito com minhas alunas”. Não tem nenhuma lembrança em especial; acha que seria injusto se particularizasse algum caso. “Todo dia nesta Escola é um sol que nasce”. Lembra, porém, alguns casos de alunas, bastante mimadas pelos pais por serem filhas únicas, e que mais tarde quando precisaram, souberam colocar em prática os ensinamentos da Escola.

Dona Noilde também não critica a Educação, mas acha que a qualidade de ensino pode ter perdido muitos nos últimos anos por causa dos métodos; “é uma forma nova, o aluno não se demora, não se descobre, ele já encontra tudo pronto. A mensagem do livro não atinge o eu do aluno. Aqui a nossa preocupação é com o valor do conteúdo. Por isso, a ED deve entrar em uma terceira fase no ano que vem. Para tanto, Dona Noilde está pleiteando empréstimo junto à Caixa Econômica Federal. Ela quer aproveitar uma parte dos 18 hectares da Escola para construir um Centro de Educação Integrado onde a criança ficaria em regime de semi-internato e onde teria, além do conteúdo formal, lazer, orientação diversa, “enfim, uma programação que se ajuste às necessidades do futuro.”

Sem saudades de casa

Ana Cristina, 17 anos, norte-riograndense de Caraúbas, estuda na Escola há quatro anos e acha muito bom, apesar "do regime rígido, do acordar cedo". Quando se formar, ano que vem, pretende cursar Medicina na UFRN. Josefa Cynara, 14 anos, veio de Roraima, como sua amiga Geancarla, de 18,



Flávia: vou gostar

que também cursa o 2º ano do 2º grau. De Roraima, alias, vêm muitas das cem moças que estudam internas na Escola Doméstica.

As duas dizem que vieram porque quiseram, não sentem muita falta de casa. Pelo contrário, sentem saudade da Escola durante as férias do final do ano. "Passamos a maior parte do tempo nos encontrando e falando das brincadeiras que fazemos aqui na Escola", diz Geancarla, que há um ano e quatro meses namora um natalense e por isso, pode trocar os planos de estudar Turismo, pelo matrimônio. Cynara está decidida: vai fazer cirurgia plástica.

Bernadete, 16, a mais alegre e agitada, é de Belém do Pará. "Eu adoro isto aqui. A Escola, Natal". Ela jura que estará presente à comemoração do centenário da Escola, mas por enquanto faz planos apenas para os 75 anos, que serão comemorados em 1989. Flávia, mais calada, 14 anos, mora em Brasília com a família e chegou há apenas dois dias. Pretende fazer Pedagogia, acha que não sentirá muita falta de casa e justifica que são cinco irmãos. "Como sou a do



Ana Cristina, Josefa, Geancarla e Bernadete: veteranas